

Ciberarte e transitividade de linguagens

*Kátia de Marco**

A História da Arte rememora-nos que a obra de arte contextualiza-se em uma determinada época, tanto no que se refere às disponibilidades tecnológicas, quanto aos aspectos econômicos, sociais e políticos na qual está inserida. A arte é um importante signo que delinea a percepção ideológica de um tempo, fazendo parte da cultura material das sociedades.

O que nos interessa sublinhar é a analogia de características entre a pós-modernidade e a ciberarte. Na busca de tatear delineamentos desta nova linguagem, é interessante notar que a ciberarte reflete características definidoras do pós-modernismo, quase como se fosse uma amostra, um recorte de seu todo. Fruto legítimo desta era, defendemos que a “arte na rede” contém peculiaridades e experimenta relevantes desdobramentos do pós-modernismo, dialogando intimamente com suas características intrínsecas.

O pós-modernismo desmancha o fio de separação entre os meios de expressão, propondo uma revisão nos conceitos modernos de especialização e de fronteiras demarcadas entre as linguagens, que objetivava abarcar universos estanques, com intuito de aprofundar o potencial segmentado e desenvolvimentista de uma determinada área ou meio, criando campos técnicos ou linguísticos alicerçados pela idéia de progresso, através de uma tendência organizacional. O entrelaçamento entre a era moderna e as vanguardas artísticas, designam especificidades que, por um lado, caracterizam os movimentos artísticos por uma atitude social de cunho crítico e senso de ruptura com o pensamento estético precedente, e por outro, fundamenta a idéia de uma idade histórica que se identifica com métodos racionais na busca da linearidade do progresso, através da euforia científica e tecnológica¹ (SUBIRATS, 1991).

* Cientista social, mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro da Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), presidente da Associação Brasileira de Gestão Cultural (ABGC) e coordenadora do Programa de Estudos Culturais e Sociais, do MBA em Gestão Cultural, do MBA em Gestão Social e da pós-graduação em Vinho e Cultura da Universidade Candido Mendes (UCAM).

A liberação paulatina desses limites, exacerbando as rupturas estéticas e conceituais instauradas pelo pensamento moderno, possibilitou uma abertura sem precedentes nos mananciais material e conceitual disponíveis ao artista, que passa a transitar livremente entre os universos do saber, como também a circular numa atitude inquieta entre os diversos meios artísticos. Se o modernismo rompeu cânones clássicos das artes, o pós-modernismo desorganiza este conhecimento buscando outras reformulações e combinações, sem o impulso compulsivo na busca do novo.

Potencializando esta liberdade, o artista da rede dispõe da possibilidade de apropriação dos códigos específicos de diversas outras linguagens, não mais reclusos ou delimitados no rigor de um meio determinado. O ciberartista tem abertura para usar como ferramenta os efeitos virtualizados da pintura, em suas diversas variações e técnicas, da sensação de textura da gravura, através da textura visual, da gestualidade do traço em todo tipo de desenho, dos efeitos tridimensionais estáticos e animados, da inserção das imagens fotográficas e fílmicas, a potencialização sensorial trazida pelo áudio, a realidade virtual e o uso da palavra como recurso gráfico e criador de sentidos.

Outra questão acerca desta reestruturação é a interpenetração das áreas de conhecimento. Uma visão de cunho holístico tomou conta das percepções do saber, que se fundem e se complementam em suas construções e investigações. No campo da arte da segunda metade do século XX, esta interação se intensifica como base em diversos movimentos como a arte conceitual que se infiltra na filosofia, canalizando a imagem enquanto registro e percurso de idéias, empobrecendo ou desmaterializando seu valor estético, como se o artista vestisse a pele de filósofo que, substituindo o uso das palavras e do pensamento abstrato, construísse suas idéias através da semântica da imagem; é a visualidade fazendo mundos e formando conceitos. Joseph Kosuth, artista e teórico precursor da Arte Conceitual, elucida a questão:

“Na verdade, a arte existe apenas por seu próprio bem. Neste período do homem, depois da filosofia e da religião, a arte talvez possa ser um empreendimento que preencha o que, em outras épocas, poderia ser chamado de ‘necessidades espirituais do homem’...O século XX trouxe consigo um tempo que poderia ser chamado ‘do fim da filosofia e do início da arte’”² (KOSUTH, 1975).

“Modus Operandi”, 1983
Instalação

Joseph Kosuth

A obra como memória
de ações e projeção de
idéias.



Em última instância, vivenciamos no presente o acoplamento entre a arte e a ciência de maneira intensificada, trazendo-nos a sensação de estarmos tratando de argumentos de filmes de ficção científica, que se caracterizam pela convivência dentro de laboratórios, em programas conjuntos de pesquisa, em parcerias entre artistas, engenheiros e cientistas, que circundam o olhar dirigido ao mesmo objeto sob focos e ângulos distintos. A título ilustrativo podemos citar alguns exemplos desta interação. No campo biológico, a arte transgênica manipula novas construções de formas de vida a partir de experimentos gerados por mutações planejadas pela engenharia genética; outro exemplo, entre tantos, é a nano arte, que opera na dimensão dos universos da microscopia eletrônica, emergindo mundos inauditos como os das imagens captadas pelas investigações da medicina endoscópica.

Ainda podemos elucidar com outros exemplos inusitados como a arte espacial, que instrumentaliza-se das imagens macro-dimensionais do universo utilizando uma nova dinâmica visual na construção de novos sentidos e percepções para os signos da imagem; a arte robótica, que lida com as interfaces homem-máquina-máquina, e a própria ciberarte, que explora possibilidades artísticas de um meio comunicacional habilitado por uma sincronia de contatos com potencial planetário, que possibilita o gesto da interação como recurso artístico e código específico que singulariza esta linguagem artística neófito.

Nesta nova atmosfera, as áreas de conhecimento não têm mais exclusividade com seus objetos de estudo, ao contrário, ao dividir e mesclar investigações com outras áreas, têm seus universos amplificados por enfoques enriquecidos pela transdisciplinaridade. No intuito de ilustrar esta concepção de intersemiotividade entre os saberes, remetemo-nos à Gilles Deleuze em seu texto de cunho filosófico-ficcional “Como criar para si um corpo sem órgãos” (DELEUZE, 1996), onde o autor simula metaforicamente os órgãos humanos na alternância de suas funções, numa proposta de reconstruir o que já foi vivenciado pela história, na vertente da tendência pós-modernista das releituras, abdicando do signo moderno no sentido da inovação, da descoberta inusitada do novo, numa alusão a uma das mais consensuais características do pensamento pós-moderno: descobrir formulações outras com mananciais e conceitos já sedimentados em outros tempos.

“Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e a laringe, a cabeça e as pernas? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo Pleno, Viagem Imóvel, Anorexia, Visão Cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO Corpo sem Órgãos, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, mas saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide.”³ (DELEUZE, 1996).

Neologismos como transdisciplinaridade ou intersemiotividade entre os meios criativos e as áreas de conhecimento, foram criados, rapidamente incorporados e de certo modo até já desgastados em função de uma pertinência diversa, aplicável a irrestritas semânticas do discurso contemporâneo.

Como não poderia deixar de ser a arte contemporânea esboça todo este estado de coisas na visualidade desdobrada em diversos suportes, e o artista não mais se aprisiona em um meio para realizar sua obra. O Ciberespaço não é o limite.

Referências Bibliográficas

1. SUBIRATS, Eduardo. *Da Vanguarda ao pós-moderno*. São Paulo: Editora Novel, 1991.
2. KOSUTH, Joseph. *Arte depois da Filosofia*. Malassartes nº 1, 1975, p 13.
3. DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, Félix. *Como criar para si um corpo sem órgãos*. In: *Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol 3. Coleção TRANS. São Paulo: Ed. 34, 1996.